UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

JULIANA CAMPOS VICENTE

TESSITURA DA IDENTIDADE NEGRA: UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE QUATRO ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

CAMPINA GRANDE – PB
Novembro/2011

JULIANA CAMPOS VICENTE

TESSITURA DA IDENTIDADE NEGRA: UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE QUATRO ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Trabalho monográfico apresentada ao Curso de Licenciatura Plena de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em cumprimento a exigência para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientador (a): Profª. Margareth Maria de Melo

CAMPINA GRANDE – PB
Novembro/2011

JULIANA CAMPOS VICENTE

TESSITURA DA IDENTIDADE NEGRA: UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE QUATRO ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

APROVADO EM: 29 / 11 / 11

Nota: 9,0

BANCA EXAMINADORA

Margareth Mª de Melo

Profª. MS Margareth Maria de Melo

Orientadora – UEPB

Patrícia Araújo

Profª. Drª Patrícia Cristina de Aragão Araujo

Examinadora – UEPB

Cristiane Maria Nepomuceno

Profª. Drª Cristiane Maria Nepomuceno

Examinadora – UEPB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

V633t Vicente, Juliana Campos.

Tessitura da identidade negra [manuscrito]: uma breve abordagem sobre a formação identitária de quatro alunas do curso de pedagogia./ Juliana Campos Vicente. – 2011.

60f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

"Orientação: Profa. Ma. Margareth Maria de Melo, Departamento de Educação".

1. Identidade étnico racial. 2. Etnicidade. 3. Valorização do negro. I. Título.

21. CDD 371.829

Dedico às alunas do Curso de Pedagogia, pois sem elas a pesquisa não teria resultados e com isso não existiria este fruto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por conduzir a minha vida e permitir que alcance os meu objetivos.

A minha orientadora, Margareth Maria de Melo por dar-me a possibilidade de participar de um projeto de pesquisa que saciou a minha curiosidade acerca dos estudos sobre etnicidade afrobrasileira, fazendo com que surgisse o interesse de conhecer mais profundamente as minhas origens, enxergando assim, a minha negritude. Além disso, agradeço pelo auxílio no decorrer do processo, mostrando por meio de suas orientações a melhor forma de enriquecer meu trabalho.

À minha família pelo apoio na realização deste trabalho, encorajando-me a seguir em frente.

Por fim, as alunas de Pedagogia que participaram do processo de construção, por meio de seus depoimentos que foram significativos ao trabalho.

RESUMO

O texto aqui apresentado é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que trata das relações etnicorraciais que favorecem a tessitura da identidade das alunas do Curso de Pedagogia. O mesmo é baseado na pesquisa de Iniciação Científica, intitulada Formação Docente e a Etnicidade Afrobrasileira. Com a ampliação dos estudos realizados na referida pesquisa, se elaborou este trabalho, com objetivo de investigar a tessitura da identidade negra nas histórias de vidas de quatro alunas do Curso de Pedagogia da UEPB, em Campina Grande-PB. De forma específica, identificar como são tecidas as identidades nas relações presentes nos cotidianos; verificar as táticas usadas por elas na convivência com a diversidade, bem como, o porquê da autoafirmação positiva da identidade negra desta alunas. A escolha das alunas não foi aleatória, partiu da transcrição das entrevistas realizadas nas pesquisas de iniciação científica das cotas de 2009-2010 e 2010-2011 em que se destacou a auto-estima negra das alunas. Neste sentido, a abordagem metodológica foi de caráter qualitativo, utilizando-se dos seguintes procedimentos para a coleta de dados: conversas orientadas por um roteiro de questões semi-estruturadas voltadas para a discussão dos fatos relevantes das histórias de vida das alunas pesquisadas. O período da pesquisa foi de agosto de 2010 a julho de 2011. Ao se trabalhar os dados utilizaram-se a técnica de análise de conteúdo, tematizando alguns pontos que mais se destacaram nas falas. Para orientar a leitura dos dados foram tomados como referências os estudos de Bosi (2003), Munanga (2006, 2009), Gomes (2003), dentre outros. Os resultados obtidos apontam que a auto-identificação do ser negra que se inicia no ambiente familiar, e junto com o escolar, influenciam na tessitura da identidade negra. As alunas participantes da pesquisa mostram o orgulho de serem negras, apesar, das adversidades nas relações interétnicas geradas por pensamentos preconceituosos e situações discriminatórias. Assim, ao concluir este trabalho destaca-se a relevância do estudo para compreender as táticas usadas pelas alunas para a tessitura da identidade e a valorização do ser negra, bem como, perceber que os cotidianos influenciam na auto-identificação positiva da pessoa negra na convivência com a diversidade. Neste sentido, o Curso de formação docente pode contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre o povo negro, sua história e cultura, fortalecendo e ampliando a identidade de pessoas negras e não-negras.

Palavras-chave: Identidade. História de vida. Valorização do ser negra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 8

1. **CONVERSANDO COM OS AUTORES A CERCA DA FORMAÇÃO DO SUJEITO..... 10**

1.1. Diversidade e a Tessitura da Identidade..... 10

1.2. Diversidade e Identidade..... 12

1.3. Identidade Negra ou Identidades..... 16

1.4. Identidade e Relações Interétnicas..... 19

1.5. O que é Racismo, Raça, preconceito e Discriminação Racial?..... 20

2. **PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA..... 25**

3. **CONVERSA ENTRE AS PARTICIPANTES E OS AUTORES..... 29**

3.1 RESULTADOS DA PESQUISA..... 29

3.1.1. Relações familiares..... 29

Relações conflituosas entre negros e brancos causado pela estética... 29

Conceito de Ser Negra..... 30

3.1.2. Ambiente Escolar..... 30

Apelidos e Reação do Sujeito..... 30

Experiências no ambiente acadêmico..... 31

3.2. DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS..... 31

3.2.1 Relações Familiares..... 31

Relações conflituosas entre negros e brancos causado pela estética..... 31

Conceito de Ser Negra..... 36

3.2.2 Ambiente Escolar..... 40

Apelidos e Reação do Sujeito..... 41

Experiências no ambiente acadêmico..... 45

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 50

REFERÊNCIAS..... 53

APÊNDICES..... 56

ANEXOS..... 57

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado é baseado na pesquisa de iniciação científica[1] intitulada Formação Docente e a Etnicidade Afrobrasileira, que se realizou na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, de Campina Grande, nos anos de 2010 e 2011, tendo como lócus da pesquisa o Curso de Pedagogia. Por meio de estudos teve-se a possibilidade de conhecer um pouco sobre as relações etnicorraciais que favoreceram na tessitura da identidade das participantes da pesquisa.

Por meio da identificação com a etnicidade afrobrasileira, surgiu o desejo de ingressar no grupo de trabalho que tem como linha de pesquisa Diversidade, Gênero e Inclusão e, a partir dos estudos que se realizou no grupo de pesquisa, ocorreu a ideia de se pesquisar sobre a identidade negra das alunas. Com a ampliação dos estudos realizados na referida pesquisa, se elaborou este trabalho, com objetivo de investigar a tessitura da identidade negra nas histórias de vidas de quatro alunas do Curso de Pedagogia da UEPB, em Campina Grande-PB. De forma específica, identificar como são tecidas as identidades nas relações presentes nos cotidianos; verificar as táticas usadas por elas na convivência com a diversidade, bem como, o porquê da autoafirmação positiva da identidade negra desta alunas.

As informações obtidas no decorrer do processo proporcionaram uma (re) significação do sentido de identidade, pois a princípio tinha-se a ideia de que a identidade era um elemento inato ao sujeito, mas durante os estudos se percebeu que a identidade é tecida através do processo cultural advindo da família e das relações sociais vivenciadas nos cotidianos.

A pesquisa do PIBIC foi desenvolvida no Curso de Pedagogia, neste caso priorizamos o gênero feminino, já que o curso é frequentado em grande maioria por mulheres, por isso escolhemos quatro alunas que se destacaram nas pesquisas de iniciação cientifica pela sua autoafirmação negra, nos períodos de 2009 – 2010 e 2010-2011.

O trabalho em questão é dividido por capítulos, sendo o primeiro referente à revisão bibliográfica que apresenta discussões a respeito da diversidade cultural, diferença, identidade dentre outros aspectos que favorecem uma melhor compreensão sobre a tessitura da identidade das alunas supracitadas. O segundo capitulo diz respeito ao caminho que se percorreu durante as investigações da

[1] PIBIC/CEDUC/UEPB

pesquisa, apresentando a metodologia, o método e os procedimentos utilizados para alcançar os resultados. Por fim o terceiro capítulo traz as discussões dos dados que foram obtidos no decorrer da pesquisa.

Através dos estudos realizados, se percebeu que a relevância deste trabalho é trazer discussões acerca da etnicidade afrobrasileira, com intuito de reforçar a valorização percebida nas ações das alunas e estimular tantas outras a tomar uma postura de autoafirmação da identidade negra. Sabemos que no cotidiano, as relações etnicorraciais muitas vezes são conturbadas, as situações de racismo, embora veladas, estão presentes no contexto social de forma naturalizada. .Assim, na conclusão deste, mostra-se o que se aprendeu com a experiência de pesquisa e com os estudos realizados, apesar dos limites.

1. CONVERSANDO COM OS AUTORES ACERCA DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO

1.1 DIVERSIDADE E A TESSITURA DA IDENTIDADE

Antes de iniciarmos a discussão acerca da influência da diversidade na tessitura da identidade, é necessário que se tenha clareza do significado deste termo, para assim compreendermos de que forma a diversidade contribui para a formação da identidade do sujeito. De acordo com as fontes bibliográficas, o termo diversidade apresenta vários conceitos, porém com o mesmo sentido, mudando apenas a forma de expressão que cada autor utiliza para descrevê-la.

Deste modo, ver-se que na perspectiva do dicionário, diversidade significa "diferença, dessemelhança" (FERREIRA, 2010, p. 261). Caráter que por determinado aspecto não se identifica com o outro. A diversidade trata do princípio da diferença, da multiplicidade, da variedade, da abundância. Portanto, o que é diverso e rico apresenta muitas possibilidades.

Nesta perspectiva Anete Abramowicz (*apud* NOGUEIRA et.al 2008, p. 02) mostra que "diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade". Ou seja, a diversidade está relacionada tanto à diferença quanto às circunstâncias sociais, pois cada sujeito apresenta um comportamento diferente em uma determinada situação. Por meio da diversidade se percebe que todo sujeito é igual no que diz respeito ao ser biológico, mas é diferente culturalmente e isso faz com que se tenha uma variedade de aspectos que fazem parte da sociedade.

O que é perceptível nestes conceitos é que quando se trata de diversidade a primeira característica é relacionada às diferenças que são vivenciadas nos contextos em que os sujeitos estão inseridos e, que a partir desta concepção se apreende que a inclusão está intrinsecamente ligada, pois à medida que alguns aspectos socioculturais e econômicos se mostram distintos, estão dentro de um mesmo espaço social.

Nesta abordagem sobre a diversidade encontram-se contribuições nos PCN, principalmente do livro em que traz informações sobre a pluralidade cultural do Brasil. A pluralidade cultural abrange vários aspectos que fazem parte da diversidade contida no espaço social brasileiro, como por exemplo, a família, a comunidade em que vive. Assim, de acordo com o PCN (2001)

> A diversidade sociocultural brasileira [...] trata da singularidade do Brasil, na forma como aqui se apresenta uma população de origem diversificada, portadora de cultura que se preservam em suas especificidades, ao mesmo tempo em que se amalgamaram em novas configurações. Trata de estruturas que são comuns a todos, dos entrelaçamentos socioculturais que permitem valorizar aquilo que é próprio da identidade de cada grupo, e aquilo que permite uma construção comum, onde cabe pronunciar a pronome "nós" (PCN, 2001, p.65).

O PCN, sobre Pluralidade Cultural vem reforçar as concepções já abordadas, mostrando que a diversidade é compreendida pelas especificidades que cada grupo social possui em seu contexto, mas ao mesmo tempo se percebe que por meio das relações as diversas formas culturais se misturam, favorecendo assim, na valorização de traços culturais pertencente aos determinados grupos sociais.

A partir destas discussões se percebe que, o trato com a diversidade é uma necessidade que se apresenta na sociedade contemporânea, verificar a grande importância de lutar por uma educação que respeite as diferenças do sujeito, sejam elas raciais, físicas, geracionais, sexuais etc. Do mesmo modo que o/a negro/a tem direito aos benefícios como cidadão/ã, as pessoas com qualquer diferença também têm os mesmos direitos, pois todos são iguais porque somos seres humanos e diferentes pela origem sociocultural, estética, e econômica, e merecemos ser respeitados/as pelo que somos e ao mesmo tempo devemos tratar o outro com respeito e dignidade.

Neste sentido Cardoso (2003) diz que,

> O processo inclusivo pode significar uma verdadeira revolução educacional e envolve o descortinar de uma escola eficiente, diferente, aberta, comunitária, solidaria e democrática onde a multiplicidade leva-nos a ultrapassar o limite da integração e alcançar a inclusão (CARDOSO, 2003, p.24).

Assim, a educação é uma grande alternativa para promover a inclusão das relações etnicorraciais nos vários níveis de ensino para que se colabore com a superação do racismo nesta sociedade excludente. Acreditamos que a formação de professoras com identificação com a causa da inclusão étnica poderá contribuir com a formação da identidade de crianças mais abertas e solidárias.

Além disso, é nos cotidianos que reconhecemos a diversidade cultural, pois apesar de se localizarem num mesmo ambiente as pessoas agem de acordo com os princípios adquiridos no seio familiar e a repassa através da relação com o outro, gerando vivências que favorecem ou não o respeito às diferenças. Desta forma Gomes (2003, p.69) afirma que a "diversidade cultural não diz respeito apenas ao

reconhecimento do outro como diferente. Significa pensar a relação entre o eu e o outro".

Ainda Segundo Gomes (2008),

> Diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder (GOMES, 2008, p.17).

Isto quer dizer que a diversidade é uma construção das diferenças decorrente das relações entre os indivíduos na qual enxergam os aspectos socioculturais, histórico e as relações de poder, como elementos que fazem parte do espaço social em que estão inseridos.

No contexto da diversidade é possível encontrar o sentido de alteridade, que ao perceber as diferenças do outro, reconhece as suas próprias características, compreendendo-se como sujeitos únicos que apresentam culturas diferentes. Para melhor compreensão a este respeito Nepomuceno (2008, p.8) afirma que "o eu só existe em relação ao outro [...] é a partir da comparação entre o grupo do eu e o grupo do outro que tomamos consciência das diferenças existentes em relação à vestimenta, crenças, valores, comportamentos, enfim ao modo de ser fazer, pensar, sentir, querer e saber".

Deste modo é possível entender que os sujeitos têm modos diferentes de viver e, que são incorporados a partir das concepções que permeiam os vários grupos sociais. As experiências vividas em cada contexto se mostram distintas à medida que se baseia nos princípios que regem o ambiente. Assim, reconhecendo as diferenças os sujeitos começam a refletir sobre a diversidade e com isso a respeitar os comportamentos que são vivenciados no ambiente social.

1.2. DIVERSIDADE E IDENTIDADE

A partir da diversidade cultural existente na sociedade podemos observar a tessitura da identidade que ocorre através das relações interpessoais, na qual o sujeito cria a sua autonomia se tornando uma pessoa ativa e participante.

D'Adesky (2005) trata do conceito de identidade relacionando-o com o papel

que uma pessoa representa, bem como, o seu pertencimento a tal ou qual coletividade. Desse modo, são possíveis várias identidades em um único indivíduo (fragmentação identitária), o que demonstra que elas são produto dos contextos histórico e cultural, construídas na interlocução (diálogo) com os outros.

D'Adesky (2005), afirma que

> A identidade individual é elaborada em uma aparente diversidade de universos. Tal concepção de pluripertencimento implica que a identidade pessoal se edifica e se conserva por meio da síntese de identidades múltiplas que formam os diversos territórios e possessões do 'eu' (Grifo do autor) (D'ADESKY, 2005, p.133).

Neste sentido, não existe uma identidade única, unitária, uniforme e sim uma multiplicidade de identidades num mesmo indivíduo. Compreender essa diversidade é desafiador para o próprio sujeito e para os grupos que com ele convive. Dependendo das situações podemos entrar em contradição, pois como o processo é dinâmico e contínuo, estamos sempre nos reelaborando.

P. Silva (2005) apresenta outro conceito de identidade, afirmando que: "a identidade pode resultar tanto de processos de autodefinição como da maneira segundo a qual o indivíduo internaliza as características que lhes são atribuídas socialmente" (P. SILVA, 2005, p.37). Isto é, no processo de identidade, tanto o que a pessoa percebe de si mesmo, como o que recebe do meio social irá constituir sua identidade. Mais adiante, a autora fala que essa "construção da identidade é um fenômeno histórico. [...] [e que] se dá no jogo das relações sociais" (P. SILVA, 2005 p.39). É na relação com o outro que a pessoa se reconhece.

Nos estudos sobre identidade Hall (2003, p.10-13) apresenta concepções de identidade com características bastante diferenciadas: a primeira é o sujeito do iluminismo que é baseado num indivíduo centrado, unificado, racionalista. (sujeito Cartesiano - 'Penso logo existo'). O segundo é o sujeito sociológico ou sujeito moderno que é aquele cuja "identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade" (HALL, 2003, p.11). Neste caso o sujeito apresenta uma essência interior, mas que é modificado por meio de um diálogo entre o eu e outras culturas. Por último apresenta o sujeito pós-moderno que é aquele cuja "identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2003, p.12-13).

O sujeito não tem uma única visão de mundo, uma identidade fixa, apresenta comportamentos e atitudes diferenciados em cada situação do seu cotidiano. As identidades mostram-se diversificadas em relação às vivencias do dia a dia, pois o sujeito forma a sua concepção de mundo através de suas interações sociais. Assim, Hall (2003) afirma que: “os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentadas pelos papeis que os indivíduos neles desempenham” (HALL, 2003, p. 31).

Os autores supracitados trazem concepções de uma identidade móvel, uma identidade que se transforma a partir das relações sociais, assim como, da interação com o meio em que está inserido. Porém, ainda surge uma indagação a este respeito: Como a diversidade pode, nos cotidianos, tecer nossas identidades de forma que possamos criar redes de relações e conhecimentos que permita a tessitura de uma sociedade mais equânime?

Deste modo, se percebe que a identidade não deve ser tratada no singular para designá-la, mas sim, no plural, utilizando o termo identidades, pois de acordo com as vivências o indivíduo se modifica e se reconstrói a cada nova situação, assumindo vários “eus,” nele mesmo inclusive contraditório entre si.

Mas afinal, como podemos assumir identidades diferentes em diferentes situações do cotidiano? Este é um questionamento que precisa ser mais estudado para ser mais bem compreendido e com isso ser vivenciado, pois a identidade pode ou não se modificar através da influência do ambiente e das relações entre o eu e o outro.

Nessa perspectiva, apreende-se que além de ter essa característica de móvel, a identidade é relacional, pois é através da relação com o outro que a pessoa diferencia o que deseja ser, esse processo envolve os significados que são adotados no grupo social, o momento histórico e as condições de vida da pessoa, isto é, as relações que ela estabelece no grupo. Deste modo “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD 2009, p.09).

Essa diferença está relacionada aos fenômenos que apresentam características comuns, mas que são interpretados de formas distintas, ou seja, situações ou objetos que são vivenciados e obtidos no mesmo ambiente, mas que são vistos numa perspectiva diferente na qual é colocada como mais ou menos relevância dependendo do ponto de vista do sujeito. Assim, Woodward (2009)

enfatiza esse posicionamento afirmando que “a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importante que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (2009, p.11).

Neste sentido, as diferenças presentes nas identidades são distinguidas a partir do modo de como o sujeito social reconhece determinadas ações culturais como sendo mais importante, desprezando as demais por considerar inferiores as suas e com isso provocando certa exclusão do sujeito social no meio em que está inserido.

Como já sabemos as identidades são percebidas a partir das diferenças entre os sujeitos no que diz respeito à cultura e à maneira de ser, pois nos reconhecemos como diferentes quando vemos ações que não fazem parte do nosso comportamento, mas que é essencial na personalidade da outra pessoa. Deste modo, a autora supracitada ressalta que

> As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras são cruciais para compreender as diferenças. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções [...] na qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles” (WOODWARD, 2009, p. 41- grifo da autora).

É a partir das diferenças entre o “eu” e “outro” que reconhecemos nossa identidade e, nesta relação é possível encontrar marcações simbólicas que expressam essa diferença, pois de acordo com o significado que o sujeito expressa em suas ações, pode ser considerado superior ao outro, definindo o ser excluído ou incluído no meio social. Embora se tenha uma visão negativa da relação entre as diferenças e as identidades, não podem ser compreendidas de forma separada, mas de uma forma entrelaçada, pois uma depende da outra, a diversidade revelada na diferença permite a tessitura da identidade.

T. Silva (2009, p.74) vem mostrar que “a identidade é simplesmente aquilo que se é: sou brasileiro, sou negro, sou heterossexual, sou jovem [...] a diferença é aquilo que o outro é: ela é italiana, ela é branca, ela é homossexual, ela é velha, ela é mulher”. Com essas ideias torna-se compreensível a relação que há entre a identidade e a diferença, pois a partir dessas duas vertentes se percebe a unicidade do sujeito.

A identidade e a diferença, muitas vezes, expressam um sentimento de inclusão e exclusão, em que aspectos que fazem parte da formação dos sujeitos se tornam distintos entre si ao ponto destas pessoas se agruparem de acordo com a compatibilidade destes tais aspectos. T. Silva (2009, p.82) afirma que a "identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem estão excluídos. [...] A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles"".

Segundo estas abordagens, as concepções sobre a identidade e a diferença reforçam as ideias que vem sendo apresentadas no decorrer das discussões. Na relação entre a identidade e diferença é natural perceber distinções, daquilo que um tem e o outro não tem, mas que ao se confrontarem proporcionam aos sujeitos troca de conhecimentos que enriquecem a sua formação. Embora sempre haja a procura dos sujeitos para se agruparem com aqueles que têm algumas afinidades, isso não os impede de demonstrarem uma boa relação com outros sujeitos que não são confidentes. Geralmente, as pessoas encontram outras com quem firmam uma estreita relação de amizade, porém não deixam de lado aqueles que estão inseridas no seu ambiente social.

Além de todos esses enfoques sobre a identidade Ferreira (2009) vem corroborar, afirmando que essa identidade não é

> Uma categoria a expressar uma estrutura pessoal fixa, mantendo-se a mesma no tempo, como muitas teorias podem sugerir. É um constructo que reflete um processo em constante transformação, cujas mudanças vêm sempre associadas a mudanças de referências e a novas construções de realidade por parte dos indivíduos, determinadas por sua participação em certos processos provocadores de impacto existencial (FERREIRA, 2009, p.46).

Essa citação vem reafirmar o que foi dito anteriormente, sobre o sujeito não ter algo de fixo na sua estrutura, e outro questionamento se apresenta: como defender uma identidade étnica, como faz o Movimento Negro que luta contra o racismo e a invisibilidade do povo negro?

1.3. IDENTIDADE NEGRA OU IDENTIDADES

Nesta abordagem Munanga (2003) traz dados relevantes a respeito da identidade negra, mostrando que

> É neste contexto histórico que devemos entender a chamada identidade negra no Brasil, num país onde quase não se houve um discurso ideológico articulado sobre a identidade "amarela" e a identidade "branca" justamente porque os que coletivamente são portadores das cores da pele branca e amarela não passaram por uma historia semelhante a dos brasileiros coletivamente portadores de pigmentação escura (MUNANGA, 2003, p.37- grifos do autor).

A identidade negra no Brasil é marcada por ações negativistas geradas desde o processo de escravização e, que ao longo do tempo se vem lutando contra estas marcas por meio dos movimentos que valorizam esta identidade tão negada. Na tessitura da identidade negra é perceptível a presença da identidade política como aspecto que evidencia situações em que o processo de exclusão é muito presente. A exclusão está relacionada a posições em que o sujeito ocupa, ou seja, indivíduos dominadores e dominados. Além disso, o fator histórico apresenta grande relevância nesta tessitura, pois, consolida a memória coletiva do povo africano e afrobrasileiro, bem como, o torna consciente de sua história.

Através de seus estudos Munanga (2009) faz uma reflexão sobre a identidade negra em uma nova perspectiva, afirmando que

> A busca da identidade negra não é, no meu entender, uma divisão de luta dos oprimidos. O negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver, embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade. Entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua "interiorização" e baixa estima: a falta de conscientização histórica e política, etc. [...] A recuperação dessa identidade (negra) começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade (MUNANGA, 2009, p.19).

Com isso, verificamos que para que o/a negro/a seja valorizado/a e respeitado/a na sociedade é preciso que esta valorização parta inicialmente do seu "eu" e expanda ao outro a sua maneira de ser e agir perante a sociedade e com isso possa tecer relações com todos/as que convivem no mesmo espaço social.

Munanga (2009) destaca que o/a negro/a tem problemas específicos em relação a sua estética, desconhece sua cultura e sua história e esse processo de alienação tem por conseqüência o sentimento de inferioridade e baixa estima, sem conhecer sua história e cultura a população negra não assume sua identidade plenamente. Será que todo povo negro passa por essa situação de ter problemas

com seu corpo, sua cultura e sua história? Assim, pensar a identidade negra é uma questão que precisamos aprofundar, pois reconhecendo a alienação como uma realidade no meio social negro, questionamos se todos/as os/as negros/as têm problemas de baixa estima e de inferioridade e se dependendo da classe social essa situação se modifica.

Abordando a identidade negra Lima (2008) vem falar sobre questões étnicas afirmando que

> As etnias negras no contexto brasileiro são demarcadas pelas raízes históricas sócio-culturais e políticas que marcam a formação populacional brasileira no contexto do escravismo e pelas relações estabelecidas tanto nas suas ancestralidades quanto nas vivencias contemporâneas (LIMA, 2008, p.38).

Ainda nesta perspectiva, Lima (2008) traz uma discussão acerca das concepções de etnia e afrodescendência, provocando uma reflexão sobre esta identidade no Brasil, respaldando-se na visão de Sodré,

> As identidades negras são concebidas como construções múltiplas, complexas, social e historicamente (Re) construídas com bases nos dispositivos de matrizes africanas: tais dispositivos são processados nas relações sócio-culturais, políticas e históricas que se deram a partir do seqüestro de nossos ancestrais africanos para o Brasil (SODRÉ, *apud*, LIMA, 2008, p.39).

Deste modo, se percebe que de acordo com Lima a tessitura da identidade negra está baseada na herança cultural advinda das tradições africanas que foi adquirida através das relações sociais, em que as diferenças se tornam um complemento na formação dos sujeitos.

Em meio às discussões de identidade são visíveis aspectos que estão intimamente ligados à sua tessitura, como por exemplo, os traços fenótipos referente à cor da pele e ao cabelo crespo que são características marcantes da identidade do ser negro. Na formação identitária o cabelo exerce uma forte influencia na maneira de como o negro se vê e é visto pelo outro (GOMES, 2008), que muitas vezes se tornam equivocadas por considerar o cabelo crespo como ruim e o cabelo liso com bom. Nesta idéia Gomes (2008) mostra que

> O cabelo do negro visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco “bom”, expressa um conflito. Por isso que mudar o

> cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou introjeção deste (GOMES, 2008, p.21).

Com essas colocações é visível que, por existir um padrão de beleza, há o interesse das mulheres negras, já que estas são mais afetadas por este estigma, em querer estar sempre belas ao ponto de submeter-se a vários tratamentos para alcançar o efeito desejado, claro que não se podem fazer generalizações há aquelas que valorizam a sua característica, mesmo tratando seus cabelos reconhecem a sua origem, mas a grande maioria faz o possível para manter os cabelos lisos, utilizando desta ação estratégica de sair da ideia de inferioridade. A identidade do sujeito é a marca registrada do seu modo de ser, são traços que o diferencia dos outros, tornando-o um ser único perante a sociedade. De acordo com Munanga (2008, p. 14) “essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude física e culturalmente. Assim a identidade está ligada tanto aos traços fenótipos quanto aos traços culturais que caracterizam o sujeito”.

Por meio dessas discussões sobre identidade se percebe que este elemento é construído através das vivências sociais e culturais, tendo início no seio familiar. Cada família é constituída por diferentes sujeitos que a partir do relacionamento amoroso, podem constituir a família, claro que nem sempre as relações amorosas podem formar a família, mas que por meio deste contato a família pode ser formada. A identidade começa a ser tecida a partir dos princípios que são repassados pelos pais e que são entrelaçados com experiências cotidianas, resultando na forma de ser de cada sujeito.

1.4. IDENTIDADES E RELAÇÕES INTERÉTNICAS

No âmbito das relações sociais é perceptível o contato direto de pessoas que tem condições socioeconômicas e culturais diferenciadas e por que não dizer a etnicidade diversificada que apresenta características peculiares à sua formação identitária, o que proporcionam as trocas de experiências. No âmbito familiar, esta relação se torna mais forte, em que pessoas brancas e pessoas negras se unem aos seus pares para formar um núcleo familiar. Com essas relações se percebe uma diversidade de núcleos familiares, constituída por mulher e homem brancos, mulher e homem negros, homem negro e mulher branca ou vice-versa, em que acabam formando as “famílias interétnicas” expressão criada pela autora Angelina Ernestina

Cardoso de Brito ao falar sobre estas relações. Essas famílias, muitas vezes, passam por situações conflituosas dentro do seu convívio, por causa da não aceitação da relação entre pessoas negras e pessoas brancas. Brito (2001) ao justificar o seu estudo sobre a relação familiar diz que

> Adotei a expressão "famílias interétnicas" para referir-me a famílias que são constituídas por casais formados por mulher branca e marido branco, de origem européia, e marido negro e mulher negra, de origem africana, em que numa determinada época acreditava-se que as relações entre negros e brancos aconteciam num campo em que predominavam as diferenças culturais entre negros e brancos (BRITO 2001, p.189).

Essa afirmação constata que em algum tempo, a relação entre os negros e brancos, era fortemente influenciada por aspectos culturais que estavam ligados à experiência das suas origens, em que se tinha visão de que a cultura europeia era superior enquanto a cultura africana era inferior. Atualmente, a situação é bem diferente em relação aos atos explícitos de racismo, pois com as transformações sociais, atos discriminatórios são considerados crime inafiançável, por este motivo é que não se percebe tão claramente situações em que o negro é discriminado.

Apesar disso, é notório que mesmo dentro do contexto familiar há situações em que o racismo está presente, claro que não se podem fazer generalizações a este respeito, mas são perceptíveis atos preconceituosos neste espaço que causam conflitos e sofrimentos. No âmbito familiar observa-se que na relação entre brancos e negros, há de forma velada situações racistas que se apresenta na forma de conflitos. Estes conflitos muitas vezes não são percebidos como ações discriminatórias, já que é visto como natural as desavenças familiares.

Para que se tenha uma melhor compreensão sobre essa questão é importante que se conheça o seu significado. Algumas fontes procuram conceituar o termo racismo, com o intuito esclarecer a diferença que há entre o termo supracitado, preconceito e discriminação racial, pois há certa confusão ao se tratar destes aspectos no cotidiano.

1.5. O QUE É RACISMO, RAÇA, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL?

De acordo com o dicionário, o termo racismo diz respeito à "doutrina que defende uma pretensa superioridade de certas raças humanas; preconceito e discriminação em relação a indivíduo(s) considerado(s) de outra(s) raça(s)"

(FERREIRA, 2010, p.635). Em relação ao preconceito o dicionário afirma “ideia preconcebida; suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões etc.” (FERREIRA, 2010, p.605). Já a discriminação está relacionada ao “ato ou efeito de discriminar; tratamento preconceituoso dado a indivíduos de certos grupos sociais, étnicos etc.” (FERREIRA, 2010, p.258).

Assim, o racismo e o preconceito aparecem no campo das ideias e a sua manifestação em ações é a discriminação. Porém, Ferreira (2010) faz uma mistura gerando confusão, quando afirma que o racismo é também o preconceito e a discriminação colocando-os juntos, muita pessoas misturam os três conceitos.

Nesta mesma perspectiva Valente (1987, p. 63) vem reforçar as conceituações que o dicionário apresenta, mostrando que racismo é “afirmação da superioridade de uma raça sobre as outras. Pode tomar diversas formas, sendo que a segregação é a mais ostensiva delas”. O preconceito, segundo as concepções da autora, “é uma ideia preconcebida, suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação à outra, sem razão objetiva ou refletida. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória” (VALENTE, 1987, p. 63). Já a discriminação a autora conceitua como uma “atitude ou ação que visa distinguir, separar as raças, tendo por base ideias preconceituosas” (VALENTE, 1987, p. 63).

Por meio dessas conceituações percebe-se que há uma grande diferença nestas três conceituações, porém estão intimamente relacionadas. O racismo por ser uma doutrina que defende uma concepção de superioridade da raça branca, fazendo com que o sujeito tenha uma visão deturpada do negro. Essa visão deturpada é baseada numa concepção precipitada de que a pessoa negra não possui as mesmas capacidades e com isso se torna uma pessoa inferior. Assim, são notórias atitudes que muitas vezes chegam a ser agressivas, pois o sujeito que se sente “superior”, pode não respeitar o outro e provocar situações de constrangimento com atos violentos e, esse tipo de comportamento é visto como discriminação racial.

A questão do racismo no Brasil era vista por outros países, de forma equivocada, pois antes se tinha uma ideia de que não existia racismo, já que o país demonstrava uma aparente harmonia entre brancos e negros. Porém, ver-se que o racismo é presente nas relações sociais, mesmo de que forma velada. Neste enfoque as Diretrizes Curriculares Nacionais traz uma abordagem acerca desta discussão, mostrando que

> É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar dos sujeitos no interior da sociedade brasileira (BRASIL, 2004, p.13).

Percebe-se então, que no conceito de raça se utiliza muitas vezes de características peculiares do fenótipo para designar o lugar pertencente ao sujeito. De acordo com seus méritos, as pessoas negras conquistam espaços que favorecem a sua posição social, porém muitas vezes, os méritos não são levados em consideração, as que são consideradas brancas conseguem alcançar melhores espaços, enquanto as pessoas negras precisam provar sua qualificação para serem aceitas. Assim, reforçando esta ideia as diretrizes mostram que "[...] Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes européias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras que são a indígena, africana, asiática" (BRASIL, 2004, p.14).

O conceito de raça é bastante controverso, pois há teóricos que defendem uma concepção biológica em que o termo raça está voltado a características físicas, enquanto outros defendem a ideia de raça como elemento social. Porém, foi comprovado por meio de estudos biológicos que não há diferenças em relação à genética que possa distinguir os seres humanos por categorias raciais, neste sentido, biologicamente não existem diferenças entre raças, existe simplesmente a raça humana. Mesmo com estes estudos como é possível explicar como ainda é perceptível o racismo no contexto social?

Lima (2008) mostra que

> Imbricados nos conceitos de raça, etnia e racismo, encontra-se o preconceito racial, a discriminação racial e a segregação, que são maneiras de expressar o racismo e correspondem a diferentes graus de violência. Porem o preconceito é a forma mais comum e freqüente porque envolve um sentimento, ou uma ideia onde se faz presente uma visão congelada, estereotipada de características individuais ou grupais que correspondem a valores negativos (LIMA, 2008, p.35).

Já compreendidas a diferença entre racismo, preconceito e discriminação, fica mais fácil distinguir situações em que comumente é considerada como racismo, que por si só não causa constrangimentos já que é um sistema, ou princípio que é

seguido por um determinado grupo. Porém, unido a atitudes discriminatórias pode afetar física e moralmente o outro.

No contexto social é perceptível que entre brancos e negros a relação muitas vezes denota ideias preconceituosas, que não são detectadas a primeira vista, mas que estão presentes no cotidiano. As pessoas negras ao se depararem com essas situações procuram fazer uso de táticas que venham a favorecer uma autodefesa, algumas evitando o confronto, ou discussões a este respeito, enquanto outras se posicionam e denunciam.

Nesta perspectiva, Oliveira (2008, p.57) ao abordar as práticas pedagógicas no contexto escolar, traz uma discussão sobre a questão das estratégias e táticas que ocorrem neste meio, baseando-se nas concepções de Certeau, mostrando que para ele as estratégias dizem respeito às ações que são pertinentes ao sujeito que "domina" o outro. Nas práticas pedagógicas esta relação diz respeito às ações exercidas pela gestão escolar que comanda as ações dos professores/as no seu trabalho em sala de aula. Esse tipo de relação não só ocorre dentro do ambiente escolar, mas no meio social.

É notória que nessas relações sempre há alguém que comanda que impõe regras a serem seguidas. Por outro lado, há quem desobedece às regras, quem não as cumpre como é predeterminado, este comportamento é chamado de táticas, que segundo Certeau (*apud* OLIVEIRA, 2008), são as ações que são organizadas pelos "dominados", a fim de burlar o poder que é imposto. Muitas vezes, as táticas são expressas por diversas formas como "ler, habitar, falar, circular etc. – que, segundo ele [Certeau], se modificam e se ampliam em relação ao tempo e ao espaço, provocando, com isso, modificações também no sistema estratégico" (OLIVEIRA, 2008, p.58).

Neste sentido, Oliveira (2008) se referindo a Certeau apresenta algumas maneiras que os sujeitos dominados utilizam para superar as situações que estão sendo impostas e, à medida que estas não mais surtem efeito, os dominadores revêem a sua forma de agir, modificando as estratégias de opressão, tornando assim as relações conflituosas.

Ao longo da história do povo negro no Brasil, encontramos diversos exemplos de táticas utilizadas para burlar o poder dos senhores, no período da escravização, as diversas maneiras que a população negra livre encontrou para enfrentar o mercado de trabalho e sobreviver no período pós-abolição, as adversidades vividas

para preservar seus costumes, crenças e tradições. Em todas essas situações negros/as foram astutos e fizeram usos de táticas, tanto na perspectiva individual, como coletiva, através dos diversos tipos de grupos, dos quilombos até o Movimento Negro

2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) utilizou-se uma abordagem metodológica do tipo história de vida, na qual (re) significou situações vivenciadas pelas alunas, que influenciaram na tessitura de suas identidades. Este tipo de trabalho é considerado por Bosi (2003, p.15) como "memória oral, um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do quotidiano". Neste sentido a memória traz recordações do passado e do presente, muitas vezes superado ou muitas vezes bloqueado pelo sofrimento causado pelos conflitos vividos nos cotidianos.

Nesta perspectiva, Portelli (1997) ao falar sobre história oral mostra que:

> A História Oral é uma ciência e arte do individuo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturais, sociais e processos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma (PORTELLI, 1997, p.15).

A partir das histórias de vida se faz um mergulho nas experiências, com o intuito de entender as reações que estas provocaram na tessitura da identidade de cada sujeito. Com essa estratégia se procurou reavivar informações através das conversas que podem explicar o que leva as participantes a se auto-afirmarem como negras, compreendendo melhor as diferenças e as bases de uma convivência de respeito.

Segundo Bosi (2003, p.20) "a memória parte do presente, de presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais". A memória, então, representa as lembranças de situações agradáveis ou difíceis que foram vivenciadas no passado, mas que são recordadas num momento presente.

Além da abordagem metodológica, o trabalho baseou-se no método etnográfico, que segundo Moreira & Caleffe (2008) "é um tipo de pesquisa que se estrutura a partir da descrição, análise, interpretação de uma faceta ou segmento da vida social de um grupo e como isso se relaciona com a educação".

Neste sentido se percebe que na Pesquisa Etnográfica, o seu maior apelo é poder construir um retrato rico e detalhado da vida humana, um quadro que é interessante e potencialmente repleto de informações. Assim, a partir deste método

se tornará possível investigar, pelas historia de vida, a formação identitária de quatro (04) alunas do Curso de Pedagogia.

A pesquisa supracitada apresenta características que permitem uma exploração significativa do trabalho em questão, pois enfoca o comportamento social das pesquisadas no cenário em que estão inseridas. A primeira delas diz respeito à confiança desta nos dados qualitativos que, normalmente estão na forma de descrições narrativas feitas pelo observador, participante no grupo que está sendo estudado; apresenta uma perspectiva holística em que as observações e interpretações são feitas no contexto das interações humanas, reunindo aspectos que geralmente estão isolados.

Outras características importantes da pesquisa etnográfica são à problemática que parte de uma hipótese ou pergunta que orientará a busca de informações que venham a responder as incógnitas, o procedimento e as análises dos dados, pois os resultados da pesquisa são interpretados de acordo com grupo ou evento em particular que esteja sendo observado no decorrer das investigações.

Deste modo o TCC baseou-se numa pesquisa de caráter qualitativa, em que se utilizou de um roteiro semi-estruturado (ver Apêndice) relacionada à discussão de fatos relevantes das histórias de vida das alunas pesquisadas. Como fundamentação e orientação dos dados obtidos se realizaram estudos bibliográficos a cerca a diversidade, identidade, relações interétnicas dentre outros.

Os procedimentos metodológicos realizados no trabalho seguiram os passos orientados pela pesquisa etnográfica, pois segundo Moreira &Caleffe (2008) “a coleta de dados é feita pelo pesquisador por meio de observações, análise documental e/ou entrevista”. Desta forma a coleta de dados sucedeu-se através de depoimentos que foram gravados durante as conversas, na qual as alunas relataram as suas experiências nos seus cotidianos.

A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Pedagogia. Neste caso priorizamos o gênero feminino, já que o curso é freqüentado em grande maioria por mulheres. A escolha das alunas não foi aleatória, partiu da transcrição das entrevistas realizadas nas pesquisas de iniciação científica das cotas de 2009-2010 e 2010-2011 em que se destacou a auto-estima negra das alunas. Através da pesquisa do PIBIC da cota 2009 – 2010 se perceberam destaque de três (03) alunas que apresentavam uma auto-afirmação no que diz respeito da valorização do ser negra, e o mesmo

destaque foi perceptível em uma (01) aluna que foi entrevistada na pesquisa de iniciação científica da cota 2010 – 2011.

Por meio desta identificação, se realizou conversas baseada na entrevista fornecida anteriormente nas pesquisas do PIBIC. Cada participante recebeu, previamente, uma cópia da entrevista transcrita para que se apropriasse da sua fala anterior, verificasse a veracidade da transcrição e esclarecesse alguma dúvida da pesquisadora. No início da conversa, se questionou sobre o texto da entrevista e conduziu a conversa de forma que a pessoa se sentisse à vontade para falar, esclarecer e inclusive modificar o que falou anteriormente.

Para Bosi (2003):

> O depoimento deve ser devolvido ao seu autor. Se o intelectual quando escreve, apaga, modifica, volta atrás, o memorialista tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou. Mesmo a mais simples das pessoas tem esse direito, sem o qual a narrativa parece ser roubada (BOSI, 2003, p.66).

Esse procedimento favoreceu uma maior aproximação, permitindo que o diálogo logo fluísse. A fim de preservar a identidade das alunas participantes, se preferiu codificá-la na apresentação de suas falas, dentro dos resultados e discussões da pesquisa. Seus nomes foram substituídos por codinomes, escolhidos aleatoriamente em ordem alfabética, a saber, Ava, Beta, Gama, Zeta.

Para a divulgação das conversas transcritas nos resultados, foi pedida a autorização das alunas por meio de um documento intitulado termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE, elaborado pelo Comitê de Ética (ver anexo). As alunas assinavam duas vias em que uma delas ficava com a pesquisadora, para a comprovação da autorização.

O período da pesquisa foi de agosto de 2010 a julho de 2011, na qual se usaram a técnica de análise de conteúdo, para tematizar alguns pontos que mais se enfatizaram nos depoimentos das alunas. Por fim se apresentou os dois aspectos que se destacaram no decorrer das análises: o ambiente familiar e o ambiente escolar, ambas subdividindo-se em: relações conflituosas entre negros e brancos causado pela estética; o conceito de ser negra; apelidos e reações do sujeito e experiências no ambiente acadêmico.

A decisão de realizar um diálogo sobre as histórias de vida foi um desafio para a pesquisadora, pois como aluna de iniciação científica é muito difícil fazer esse

procedimento, ele exige mais fundamentação teórica, no entanto, como colaboradora da pesquisa de doutorado da professora Margareth M. de Melo, o desafio foi assumido juntamente com ela, as discussões favoreceram novas descobertas para ambas.

O entendimento era que uma primeira conversa com outra aluna permitiria uma abertura maior, pois se fosse diretamente com a professora, seria mais difícil, por conta da distância na relação professora-aluna. Assim, na prática da pesquisa, colocar-se na roda de conversas ajudou a perceber que o trato com essa temática exige um olhar para si mesmo fazendo uma auto-avaliação, destacando as vivências afirmativo-negativas do ser negro tanto no ambiente familiar como escolar.

3. CONVERSA ENTRE AS PARTICIPANTES E OS AUTORES ESTUDADOS

3.1 RESULTADOS DA PESQUISA

Como resultado de nossas investigações trazemos algumas impressões que foram observadas na conversa com as alunas sobre a sua história de vida. Precisamos aprofundar nossos estudos sobre o que é ser negro/a no Brasil, racismo, preconceito, discriminação, mestiçagem, dentre outros.

A denominação da outra pessoa como negro/a ser entendida como racismo e a questão da autodenominação, em ambos os casos a cor da pele é o critério considerado. Existem pessoas que tem o fenótipo negro, mas se consideram brancas, assim como tem pessoas de pele clara que se consideram negras por causa da sua genealogia.

Uma situação de autoafirmação da negritude por parte de docentes formadores/as ajudaria na formação das identidades das alunas do Curso.

Durante a verificação do material coletado, foram destacados pontos que vão nortear as análises que serão apresentadas a seguir.

3.1.1 Relações Familiares

- **Relações conflituosas entre negros e brancos causado pela estética**

Foi possível perceber, durante as entrevistas, a convivência familiar das participantes e neste processo, inferimos a existência de certa dificuldade em relação à convivência entre os parentes brancos e negros, havendo diferenças de tratamento e alguns conflitos por terem traços fenótipos diferentes, pois não havia uma aceitação de alguns membros da família aos traços físicos herdados pela carga genética.

Assim, um dos conflitos mais marcantes, em relação a nossa temática, nesta relação familiar diz respeito à estética, voltado para o cabelo e a cor da pele.

- **O conceito de ser negra**

Percebe-se que a concepção de ser negro está relacionada à cor de pele, neste caso, o que vai contar na distinção do ser negra e não negra é a pigmentação da pele e não as origens. Embora tenham nas gerações anteriores pessoas negras, essas famílias não percebem a sua origem negra.

Deste modo, se observa que o conceito do/a negro/a parte daquilo que é visível e não da genealogia. Há pessoas que tem a pele clara, mas apresentam traços característicos das pessoas negras e são consideradas brancas. Do mesmo modo, as pessoas que tem a pele escura, mas tem traços características de pessoas brancas e é considerada negra.

Através dessas percepções surgiu um aspecto voltado às relações familiares que são formadas a partir da relação entre negros e brancas. Com essa relação as características físicas são misturadas, as alunas apresentam traços de pessoas brancas e negras. Reconhecendo-se negras as alunas em seus depoimentos demonstram orgulho por essa origem. As alunas relatam que a sua autoafirmação advêm da concepção do ser negra da família, que as orienta por meio de seus exemplos de vida. Estas assumem de forma positiva a sua negritude e, apesar dos conflitos e ações discriminatórias sofridas conseguiram superar, tendo hoje uma autoestima elevada e uma autoafirmação consistente.

3.1.2 Ambiente escolar

- **Apelidos e reações do sujeito**

Em relação ao contexto escolar destacou-se a boa relação das alunas com professores e funcionários, embora tenham ocorrido conflitos entre os alunos. Estes conflitos estão mais presentes no Ensino Fundamental e Médio, em que relatam ações discriminatórias dos alunos que conviviam na mesma turma. Os conflitos apresentados pelas participantes são apelidos referentes às suas características físicas ou a cor da pele.

- **Experiências no ambiente acadêmico**

No contexto da Universidade, também, ocorreram relações de respeito e cordialidade entre as alunas, professores e funcionários. Porém, as alunas no decorrer dos seus depoimentos relataram que, em certos momentos, vivenciaram ou presenciaram situações desagradáveis referente à sua pessoa, ou por conta do racismo, ou por serem de outro Estado. Além desses relatos, a aluna/pesquisadora apresenta suas percepções dos cotidianos do Curso, a partir de situações que vivenciou no ambiente acadêmico sobre a questão afrobrasileira.

3.2 DISCUSSÕES DOS DADOS OBTIDOS

Para desenvolver as discussões aqui apresentadas, lemos várias vezes os depoimentos das alunas sobre as suas histórias de vida conversaram com a orientadora e os autores estudados na busca dos fios que estão ajudando a tecer as identidades negras e a partir das nossas análises, organizaram os aspectos destacados.

3.2.1 Relação Familiar

- **Relações conflituosas entre negros e brancos causado pela estética**

A família é o primeiro grupo social em que o sujeito é inserido e, é neste núcleo que recebe princípios e valores, por meio da educação dos pais, que vão nortear suas ações no universo social fora de casa. Assim, a família é constituída por pessoas diferentes, com educação e valores diferentes que, a partir da convivência integram-se umas as outras formando novos conceitos que vão servir de base para as futuras gerações.

Neste sentido, foi possível perceber certa dificuldade em relação à convivência entre os parentes brancos e negros, havendo diferenças de tratamento e conflitos por terem traços fenótipos diferentes, pois não havia uma aceitação de alguns membros da família aos traços físicos herdados pela carga genética.

Assim, um dos conflitos mais marcantes nesta relação familiar diz respeito à estética voltado para o cabelo e a cor da pele. Uma das participantes da pesquisa,

B, no decorrer da entrevista, destacou situações marcantes ao comentar sobre o seu relacionamento com sua avó que, apesar da boa convivência tinha momentos difíceis em relação ao seu cabelo, uma característica fenotípica herdada de sua mãe, que provocava mágoas e sofrimento.

> [...] eu sofri muito, a minha avó implicava muito comigo, teve uma época que meu pai teve que falar sério com ela, porque implicava muito comigo e geralmente as implicações era referente ao meu cabelo [...] a minha avó falava: "olhe quando eu receber meu dinheiro da minha aposentadoria eu vou separar logo o dinheiro pra você cuidar do seu cabelo". Ela não queria me ver com o cabelo enrolado, ela queria me ver com o cabelo liso quando eu ajeitava o cabelo e chegava a casa era uma festa (fala da aluna B).

Neste sentido, nota-se a representação estética, "o corpo pode ser considerado como um suporte da identidade negra e o cabelo crespo como um forte ícone identitário" (GOMES, 2003, p. 173). Por que será que o cabelo da neta incomodava tanto essa avó? Parece que o cabelo lembra uma situação que se deseja negar. Havia uma concepção de desvalorização da estática do sujeito, por se considerar superior em decorrência de traços físicos dominantes. Os/as negros/as eram vistos como seres inferiores, por conta dos resquícios de uma história marcada pela escravização. Mesmo fazendo parte da mesma família, ainda se tinha a ideia de que o negro deveria modificar a sua estética, neste caso, o cabelo, como forma de não admitir e assumir as suas raízes negras.

A mudança da estética negra, como é o caso do cabelo, parece ser bastante relevante nos cotidianos, ao ponto de se tornar uma pressão social, uma exigência na qual a mulher negra precisa alisar o cabelo para se apresentar publicamente, pois há certa rejeição da sua real característica, em que geralmente é considerado feio e inadequado ao ambiente social. Neste ponto, geralmente as pessoas que criticam ou rejeitam o fenótipo negro, não levam em conta a identidade do sujeito, achando que para que a pessoa negra seja aceita é preciso que mude o seu aspecto físico, que se apresente com uma espécie de fantasia para se adequar ao ambiente.

Outro enfoque que surgiu nas conversas com as praticantes foi à convivência dos familiares que, na conversa com A se destacou a relação conflituosa entre seu pai e avos. No depoimento da aluna aparecem muitas situações em que o preconceito e a discriminação estão presentes, vejamos uma parte do seu relato:

> A família do meu pai é toda branca apenas meu pai que nasceu negro [...] e o que é que acontece até dentro da própria família do meu pai, ele sofreu preconceito, até digo racismo, porque como ele é negro e os outros eram brancos, meus avos davam privilégios para aqueles que eram brancos, meu pai, como negro sofria em tudo, meu pai sofria porque ele era escolhido para levar meu avo e minha avó nos lugares no carro, ele servia como motorista, meu pai foi o que mais trabalhou em tudo, sempre ele era assim, como se fosse o que era sacrificado em termos de mão de obra de trabalho e os outros eram sempre os privilegiados (fala da aluna A).

Durante a entrevista a aluna relatou situações difíceis vivenciadas pelo seu pai e pela sua mãe no convívio com seus avos. De acordo com o depoimento de A

> [...] no início da relação do meu pai com a minha mãe, a família do meu avô era contra esse relacionamento da minha mãe casar com meu pai por ela ser negra, agora isso, eu digo com convicção, por ela ser negra e, no entanto, eles não viram, não notaram que meu pai também era uma pessoa negra? Mas, depois de um tempo eles viram que a relação deu certo e hoje a relação com minha mãe é mais amena, mas eles ainda tratam meu pai de forma diferente em comparação aos demais filhos. Eles eram contra a minha mãe porque era negra, mas depois ficou melhor já que amenizou mais a situação só que aquela diferença, aquele tratamento distante com relação ao meu pai é pertinente até hoje (fala da aluna A).

Neste contexto se percebem dificuldades de convivência entre pessoas brancas e negras, dificuldades essas provocadas pelos membros da família que, muitas vezes, apresentam um comportamento etnocêntrico, no qual tomam a questão da diferença como base para fazer um julgamento precipitado, achando-se superior. Na situação supracitada é notaria uma “transferência” de discriminação por parte da família do pai, que discrimina a mulher por ser negra, porém se percebe atitudes diferenciadas na relação dos pais (avos da aluna) e do filho (pai da aluna) por conta da sua negritude.

Neste mesmo enfoque as praticantes G e a Z relataram situações em que o convívio entre negros/as e brancos/as no contexto familiar se mostra conflituoso e em alguns momentos contraditórios.

Na conversa realizada com G foi abordado o convívio familiar entre as pessoas negras e brancas e a partir dos relatos foram descritos situações em que o preconceito e a discriminação se apresentam fortemente. De acordo com as palavras de G a relação entre seus familiares era bastante conflituosa, pois a relação começou por meio de interesses.

> A minha avó é branca, preconceituosa e racista, ela casou com meu avô só por uma obrigação, porque ela queria ter uma família, que ela era órfã de

> pai e mãe, então aos sete anos ela foi trabalhar. Então casando com meu avô foi uma forma de assegurar a ela de ter uma casa, ela se casou com ele não porque ela amava, mas porque ele daria a condição que ela necessitava. Meu avô já faleceu, mas hoje ela fala muito mal dele. Ela mora em São Paulo e, quando ela vem nos visitar ela só fala mal dele, só fala que ele era negro, que não gostava dele, das coisas que ele fazia, porque também a traiu, teve outros casos, outras mulheres e ela, inclusive, já fala também pela questão da cor, ela era preconceituosa, ela é preconceituosa (fala da aluna G).

Na relação entre seus pais G trouxe um relato bastante intrigante em que se percebe claramente, uma situação discriminatória de pessoas que se consideram superiores por terem como predominância o fenótipo branco.

> [...] em relação ao meu pai, eu quero acrescentar que ele também era preconceituoso, ele casou com a minha mãe e disse: "casei com uma negra só pra que ela fosse à escrava, pra que ela fosse fazer a comida, arrumar a casa". Para que quando ele chegasse do trabalho tivesse todo aparato, como se ela fosse empregada mesmo (fala da aluna G).

Nessas duas situações é notória a concepção de superioridade no relacionamento entre os pares, em que geralmente a pessoa de fenótipo branco tem uma visão negativa do negro, mesmo tendo-o como cônjuge. Nesta perspectiva o relacionamento é bastante conflitante, uma situação de não aceitação da identidade da pessoa negra.

O comportamento racista se apresenta tão fortemente que chega a ser chocante e como isso acaba provocando situações conflituosas entre os familiares. Brito (2001) vem reforçar esta ideia mostrando que "[...] no seio de famílias inter-raciais essa tensão se faz presente, pois o afeto não afaga as tensões" (BRITO 2001, p.187). Assim, se compreende que mesmo vivenciando num mesmo contexto, neste caso o familiar, as relações muitas vezes são conturbadas, pois há certa implicância com a pessoa negra que acaba provocando situações desagradáveis.

Esta situação pode ser constatada no depoimento de Z, em que mostra as atitudes negativas de sua avó em relação ao negro, e consequentemente, de si própria já que também é negra. A avó da participante se autodenomina preconceituosa por considerar a pessoa negra inferior em comparação a pessoa branca, afirmando que a pessoa que tem o fenótipo branco é mais bonita.

Segundo os relatos de Z ao abordar as expressões de sua avó destacou que

> A minha avó tem todo fenótipo de negro e isso me chamou atenção porque ela é negra e racista, não se aceita como é, e não gosta de negro, não adianta alguém dizer a ela que o negro é bonito que ela diz a pessoa branca

> é mais bonita. A minha avó, assim como alguns tios são muito preconceituosos não com a gente que é neta e que é filho, por exemplo, a minha prima é mais alta do que eu é clarinha só que o namorado dela é negro e ela diz: “isso é coisa que se faça namorar um negro!” Ela aceita porque é o jeito, porque já estar com a idade avançada não tem mais aquele pulso firme de antigamente, ela aceita, mas ela olha assim, como quem diz: “meu Deus do céu que perdição, que crime, meu Deus!” Aquele jeito dela de não falar nada, mas só o olhar dela diz muita coisa (fala da aluna Z).

Este tipo de comportamento muitas vezes é percebido como uma situação preconceituosa, em que os olhares, as expressões que são transmitidas reforçam este sentimento de que a pessoa negra é inferior a pessoa branca.

. Com o contato direto com a avó, Z acredita que, por não aceitar a sua maneira de ser, repassa atitudes preconceituosas aos outros, embora que nem sempre isso ocorra, já que em alguns momentos a relação com a pessoa negra se mostra bem afetiva, como é o caso da relação dela (avó) com o pai da aluna.

Nesta relação Z relatou que

> [...] não me recordo de nenhuma situação em que a cor da pele foi motivo de conflitos entre meus pais, nem na relação com a minha avó materna, que embora se mostre racista, gostava muito de meu pai. O comportamento racista da minha avó muitas vezes é contraditório, pois afirma não gostar de negros, não gostando de si por ser negra, desvalorizando assim os negros dizendo que são inferiores, que não são ninguém e que os brancos são melhores, mas acaba se relacionando de forma afetuosa com os negros, como era a relação dela com meu pai, que a considerava como segunda mãe (fala da aluna Z).

Com esse relato é perceptível uma contradição no que diz respeito a não aceitação do ser negro por parte da avó desta participante, já que o discurso que ela apresenta, muitas vezes não condiz com as formas que ela age, ora renega a pessoa negra, ora tem uma boa convivência, tornando-se difícil a compreensão do seu real posicionamento com relação ao ser negro. Este tipo de comportamento pode ser uma forma de defesa a uma repressão sofrida no passado e que deixou marcas na sua identidade. Assim, não se pode explicar este comportamento sem antes fazer um estudo mais aprofundado das situações que foram vivenciadas no passado que afetaram a sua identidade de forma a provocar esta rejeição.

Brito (2001, p.186) mostra que “[...] essas relações são abafadas, atenuadas, trabalhadas, ou superadas por relações de afeto. Resta saber o quanto o afeto destrói ou simplesmente oculta tensão e sofrimento”.

No âmbito familiar se percebe situações em que o racismo é aparente, porém não é levado muito em consideração por se tratar de pessoas em que se tem uma relação de afeto, mesmo que tenha conhecimento de posições preconceituosas por parte de algum membro familiar, não se é contestado de forma rígida, de maneira a evitar as situações discriminatórias. Muitas vezes, a família tem um comportamento diferente com relação ao trato da pessoa negra, que muitas vezes se torna imperceptível ao sujeito, que acha o comportamento natural por não reconhecer o racismo.

Por tudo isso, não se pode deixar de questionar como é possível que exista tantos conflitos num ambiente que tem como função principal auxiliar na formação do caráter do sujeito em questão? Como as famílias podem promover no sujeito uma autoafirmação de sua negritude, se não há respaldo dentro de casa?

Assim, a seguir se verá que o conceito de negro trará algumas respostas que facilitarão a compreensão destas perguntas.

- **O conceito de ser negra**

No decorrer das entrevistas foi perguntado como ocorreu à formação da família das participantes e, um fato que chamou atenção é de que os pais das entrevistadas vieram de famílias brancas e as mães vieram de famílias negras em que ocorreram conflitos interétnicos, o que será que significa isso? Como esses conflitos foram vividos, ou estão sendo vividos?

Na formação familiar B afirmou que:

> Meu pai filho de fazendeiro apesar de semi-analfabeto se apaixonou pela minha mãe e casou com ela [...] minha avó no inicio não aceitou o cabelo de minha mãe pelo fato de dizer que minha mãe era negra, a minha mãe sofreu algumas coisas, alguns preconceitos, mas depois, eu sei que no final, minha avó falava que a minha mãe era maravilhosa (fala da aluna B).

Na sua fala é visto que na relação de seus pais a não aceitação do relacionamento estava voltada as características físicas, neste caso o cabelo, embora, que depois tivesse uma relação cordial. Novamente se observa que o conceito do/a negro/a parte daquilo que é visível e não da genealogia, levando em conta características que representam a identidade negra.

Neste sentido, Gomes (2008) diz que “para esses sujeitos o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações continua sendo visto como marca de inferioridade” (GOMES, 2008, p. 29). Assim, é perceptível que na relação entre os familiares da A1, havia momentos de conflitos, muitas vezes gerado pela não aceitação de características fenotípicas que fazem parte da sua identidade. Estes conflitos faziam com que a mãe sofresse ações discriminatórias, mas que acabou superando as dificuldades familiares.

Durante a conversa com a aluna A, esta comentou que a família do seu pai era branca e só ele nasceu negro e por isso era designado para o trabalho recebendo tratamento diferenciado em relação aos irmãos. Já na sua casa, a aluna afirmou que

> Na minha família, dos quatro filhos, o meu irmão mais velho foi o único que nasceu branco, embora meu pai e minha mãe sejam negros, então eu e minha duas irmãs nascemos negras. Com o tempo como ele trabalhava na agricultura ele foi ficando negro, mas por que foi queimando por conta da exposição no sol, mas quando éramos crianças havia certo comportamento entre nós quatro, porque meu irmão era branquinho e nós éramos negras e meu irmão dizia que ele era mais branquinho do que a gente e muitas vezes o que é gerado com preconceito ou até uma espécie de racismo é gerado muitas vezes dentro de casa (fala da aluna A).

Neste sentido, se percebe que a concepção de ser negro está relacionada à cor de pele, pois mesmo que o irmão tenha nascido branco, deveria ser considerado negro pela questão do pai e os demais da família ser negros. Então, o que vai contar na distinção do ser negro e não negro, é a pigmentação da pele e não as origens, visto que a bisavó era negra, se nas gerações anteriores tinham pessoas negras, essa família deveria se autodenominar de origem negra.

O depoimento de G vem reforçar as discussões que até o momento estão sendo apresentadas.

> Não era a esposa inclusive quando tinha festa em casa ele soltava piadinha com relação a negro e os outros irmãos que eram casados com brancas falavam sobre as mulheres que elas não obedeciam que elas não arrumavam a casa, que elas não seguiam as regras que uma esposa deveria seguir que não visão deles era essa, que era cuidar da casa e dos filhos. Ele falava, por isso casei com uma negra ele justificava, por isso que eu casei com uma negra (fala da aluna G)

Quando se trata da formação familiar é forte a presença de brancos e negros ou negros e negros que são discriminados pela família do cônjuge ou por eles mesmos na relação a dois.

O mais intrigante nestas relações são os motivos que levam as pessoas a se envolverem ao ponto de constituir família e no final de tudo, terem um comportamento discriminatório, como vimos anteriormente.

Isso mostra que a visão negativa do negro/a como escravo/a, em determinadas famílias ainda é forte. A pessoa negra, segundo essa concepção racista só serve para desenvolver os trabalhos e, a mulher, por sua vez que continua sendo desvalorizada. Por mais que se tenham discussões acerca da valorização do ser negro/a ainda não é levada em consideração o seu caráter social, como sujeito, mas visto por uma visão marcada, carregada de estereótipos vindos do período da escravidão.

Neste sentido, se percebe que nas concepções de Brito (2001, p. 186) "[...] as famílias formadas por brancos e negros, muitas vezes designadas como mistas e por mim já tratadas como interétnicas, tem presente, num microcosmo, as tensas relações raciais que permeiam a sociedade brasileira". Isso mostra que muitas vezes as relações interétnicas são conturbadas, há sempre situações em que é demonstrado pelos sujeitos do núcleo familiar ou mesmo pelo próprio/a parceiro/a o desagrado do relacionamento, mesmo convivendo diariamente.

Na concepção do conceito de ser negra a aluna Z presenciou situações de preconceito dentro do contexto familiar que, apesar de não ter sido com ela, apresenta no seu depoimento a sua impressão do ocorrido. A aluna falou que

> Embora que a família da minha mãe seja negra é perceptível a discriminação, através de expressões e até mesmo atitudes de negação de alguns parentes ao relacionamento com negros e esses tipos de situações acabam desvalorizando o negro por não ser visto como uma pessoa igual a qualquer outra (fala da aluna Z).

Nestas palavras é perceptível que muitas vezes as situações discriminatórias estão presentes em simples comentários, que denotam uma desvalorização do ser negro. Durante o seu depoimento a aluna não demonstrou ter passado por essas situações dentro do contexto familiar.

Com esse posicionamento abre-se um questionamento, será que a falta deste dado significa que a família não tem preconceito com ela, ou será que não tem coragem de expor diante da aluna ideias preconceituosa a seu respeito?

Nas relações familiares a questão do orgulho de ser negra foi bastante destacada, durante as conversas com as alunas, pois apesar dos conflitos e ações discriminatórias sofridas conseguiram superar, tendo hoje uma auto-estima elevada e uma auto-afirmação consistente. As alunas não negam as suas origens, dando todo o credito aos ensinamentos de seus pais, demonstrando que o/a negro/a é um ser humano como qualquer outro e tem suas virtudes que precisam ser valorizada e respeitada, e com isso se mostrando capaz de superar as dificuldades surgidas no relacionamento com a família.

Nesta perspectiva a aluna B, se mostra muito bem resolvida no que diz respeito a sua negritude, afirmando que

> Eu assumo que eu sou negra, eu visto cores berrantes, eu acho que jamais poderia vestir com cores em tom de bebe, cores clarinhas, eu não vou vestir não, eu visto o que eu gosto e me sinto bem, quem quiser me aceitar aceite, quem não quiser vai ter que me engolir, eu não faço mal a ninguém, vai ter que me engolir do jeito que eu sou (fala da aluna B).

Apesar das situações discriminatórias sofridas dentro e fora de casa não provocou na aluna nenhuma reação negativa, pelo contrário, houve uma resistência aos atos discriminatórios, reconhecendo o seu valor perante a sociedade, defendendo a sua negritude, e com isso, formando a sua identidade.

Na fala da entrevistada A é perceptível essa compreensão de sujeito, repassada na educação dada pelos pais, mesmo observando ações de preconceito a aluna não tomou para si os conflitos sofridos pelo pai e tem uma boa convivência com seus avos. O seu pai ensinou o respeito acima de tudo. Por esse motivo é que se pode ver na aluna a aceitação de sua raça, influenciada pelo apoio de sua família. Conforme a aluna:

> [...] meu pai sempre buscou incutir na família respeito, valores, princípios que a gente não reproduza os maus tratos que ele teve e ele busca não reproduzir isso conosco, embora que tivéssemos um de meus irmãos que fosse branco, ele nunca reproduziu, ele trata todos iguais (fala da aluna G).

Nos relatos da aluna G se percebe que mesmo com a convivência difícil de seus pais a sua concepção do ser negro, não foi afetada graças a ensinamentos de

sua mãe que segundo seu relato é uma mulher que procurou superar todas as dificuldades:

> A minha posição em relação ao comportamento da minha mãe é ver nela uma pessoa muito batalhadora, muito guerreira, pois ela não deixou que essa questão interferisse no crescimento e no sucesso que ela teve. Então, pelo contrario, serviu como um estopim, um estímulo para que ela lutasse, para que ela conquistasse algo melhor. Esse comportamento me influenciou bastante, pois hoje eu busco estudar para justamente crescer, para mostrar que a negra, a mãe negra, conseguiu dar aquilo que outros não conseguiram (fala da aluna G).

Nos relatos de Z é visível que o orgulho de ser negro é originário de descobertas de ancestralidade, a aluna falou que:

> [...] conversando com a minha avó, descobri a minha origem, pois um dia me falou ser descendente dos negros, se eu não estou enganada, a descendência começa pelos bisavôs e bisavós dela.
> A minha autoafirmação é influenciada pelas origens familiares, embora a minha avó seja negra e racista, mas o seu comportamento não me influencia a pensar o contrario, pois talvez ela tenha sofrido tanto no passado que hoje prefere a rejeição ao sofrimento por ver que o negro ainda é tão discriminado. Eu comecei a me enxergar a partir do momento que parei de levar em conta a visão do outro sobre mim. [...] comecei a analisar a minha vida e perceber que eu não precisava da opinião do outro, bastaria reconhecer e aceitar aquilo que eu era, seja negra, morena ou qualquer denominação, o que importava era eu gostar de mim e fazer tudo em prol da minha felicidade. Hoje me sinto muito bem, reconheço a minha negritude (fala da aluna Z).

Por meio dessas declarações se verificou que a auto-afirmação parte da concepção do que é ser negro/a, desvencilhando daquela visão eurocêntrica das teorias racistas do início do século XX, de que o negro é selvagem e não poderia ser considerado como ser humano (MUNANGA, 2006). Ser negro/a é mais do que escravidão, são pessoas que a partir das relações étnicas, da resistência a todas as adversidades formaram a sociedade brasileira numa cultura diversificada.

As alunas supracitadas mostraram que apesar de viverem e em ambientes em que os conflitos estão presentes, vivenciando as situações conflituosas conseguiram superar dos preconceitos existentes através do apoio dos pais e da tomada de consciência da valorização do ser negro, sentindo orgulho de serem negras.

3.2.2 Ambiente Escolar

- **Apelidos e reação do sujeito**

Em relação ao contexto escolar destacou-se que as alunas têm uma relação de cordialidade e respeito para com os professores e funcionários que trabalham neste espaço.

Nos relatos a aluna B afirmou que a sua entrada no período de Ensino Fundamental foi excelente.

> Os professores sempre gostaram muito da gente não só de mim, como das minhas irmãs, quando a minha mãe ia pra fazenda e minha avó cuidava da gente e do meu avô que era cego, as professoras ia lá a casa matricular a gente. Eu tive professoras que foram contínuas, desde o primeiro ano na cartilha do ABC (fala da aluna B).

Nestes depoimentos se percebe que no decorrer do processo de escolarização do Ensino Fundamental, não havia registro de ações discriminatórias dentro do contexto escolar, pois as crianças tinham uma boa convivência, não havia situações em que detectasse o racismo neste contexto.

No seu depoimento A relatou que nas experiências escolares ocorreram dificuldades de convivência. “A minha vida escolar foi difícil, quando eu tinha cerca de oito, nove, ou dez anos, eu já sofria preconceito, mas quando você vai passando pelas fases de desenvolvimento é que você vai adquirindo certa maturidade, percebendo como é difícil lidar com certos tipos de preconceito” (fala da aluna A).

Assim nota-se que, nas relações destacadas pela participante A, são relembrados momentos em que sofrera com os apelidos.

> Eu recebia vários apelidos na escola e fora da escola, também sofria muito com isso, toda vez que eu acordava que tinha que recomeçar o dia e, sabia que eu tinha que ir para escola, na idade de oito, nove anos era uma época em que eu sofria mais preconceito, que eu sofria com os apelidos que eram colocados, que eram atribuídos a minha pessoa dentro da escola (fala da aluna A).

Na sua fala a aluna mostra que sofria com a discriminação, geralmente estava relacionado ao ser negro, e por ela ser uma das poucas negras que estudavam nesta sala, os alunos costumavam implicar com ela.

Como foram mostradas na fala da aluna, essas situações eram mais visíveis no período do Ensino Fundamental, pois quando ocorria A, procurava táticas para se sobressair de tais ocorrências. Segundo os seus relatos

> [...] a forma que eu tentava lidar era fugir e sair daquele espaço, ou apelidava da mesma forma. Só que quando fui crescendo a minha maturidade foi aumentando e eu fui buscando, com isso, cada vez situação que pudesse me sobressair, eu já não buscava mais apelidar, ou sair do local como eu fazia antes, ou tentava mostrar pra eles, que eles estavam com um conceito errado da minha pessoa, principalmente quando os apelidos eram atribuídos a minha cor e eu dizia que tinha orgulho da minha cor (fala da aluna A).

As situações vivenciadas pela aluna foram difíceis, mas que foram superadas a partir da sua maturidade em que começou a confrontar as opiniões negativas em relação a suas pessoas. Esta procurava demonstrar que não era melhor nem pior que ninguém por se reconhecer com negra.

No decorrer de seus relatos A fala da postura da professora em relação aos fatos ocorridos no ambiente escolar

> Eu sou uma pessoa que venho de um ensino tradicional então diante de uma situação como essa geralmente o professor não toma uma postura no sentido de mostrar o que é a diversidade quais são as diferenças que existe ainda assim embora a cor se diferencie, mas não significa dizer que um é diferente do outro por causa da cor, mas por outras questões a professora simplesmente procurava mostrar para o outro que não era pra apelidar e não mostrava o porquê de não apelidar ela não mostrava o porquê se deveria respeitar o outro apenas pedia para não apelidar o coleguinha deixasse de apelidar, mas não mostrava a diferença de cor e quando se referia a isso ela apenas dizia que ela nasceu dessa cor porque o pai e a mãe são dessa cor assim como seu pai e sua mãe é branca e você nasceu branco e dizia assim ela não tem culpa de ter nascido dessa cor.

Com essas informações é perceptível que o/a professor/a, por não saber como lidar com os conflitos, finge que as situações não estão acontecendo ou simplesmente solicita os alunos parem e prestem atenção na aula, sem mesmo fazer uma abordagem que iniba a continuidade do racismo e desfavorecendo a valorização das diferenças, “deixando” que as situações permaneçam no ambiente.

Neste sentido Cavalleiro (2001) mostra que

> A ausência de atitudes por parte dos professores (as) sinaliza a criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores/as. Por outro lado, para a criança a criança que descrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A convivência por parte dos profissionais de educação banaliza a discriminação racial (CAVALLEIRO, 2001, p.146).

Deste modo é notório o despreparo do docente em abordar questões como esta em sala de aula, pois no decorrer de sua formação talvez não surgisse estudos

que viessem a suprir a necessidade de se trabalhar com as questões afrobrasileiras na sala de aula de forma que proporcionasse uma reflexão a cerca da diversidade.

A aluna G fala que ao longo do Ensino Fundamental não sofreu nenhum tipo de discriminação, apenas no Ensino Médio por parte de colegas de turma, “sofri apelidos no ensino médio, eu fingia que não estava acontecendo comigo e, com o tempo, eu esperava que se cansassem e parassem com a discriminação” (fala da aluna G).

Nas relações vivenciadas por G é notória a presença de situações discriminatórias do contexto escolar. Assim, ao relatar as suas experiências escolares, afirmou que

> Na escola passei por problemas por causa do meu cabelo e inclusive teve até um apelido de Chico Cesar, porque eu usei o cabelo bem pra cima, bem afro e eu fui discriminada por muito tempo com esse apelidinho de Chico Cesar. A escola naquele momento não se pronunciou, nem resolveu aquele problema em relação a isso (fala da aluna G).

Apesar de passar por situações discriminatórias em relação ao cabelo, a aluna mostrou que

> Mesmo passando por essa situação de preconceito, não deixei de usar meu cabelo do jeito que ele é. Não mudei para agradar os outros, porque achei que eu assim não vou contribuir com essa indústria de cosméticos que impõe de uma forma que os cabelos devem ser que é padrão e eu não quero contribuir com isso. Eu quero ser eu, eu quero me aceitar como eu sou e meu cabelo vai continuar como ele é. No momento em que fui apelidada fiquei muito chateada, porque era meu estilo, eu estava seguindo meu estilo e o que eu achava que cabia a minha origem, porque não existe raça, posso dizer assim, que cabe a minha origem é o meu cabelo (fala da aluna G).

Assim como as colegas, a aluna Z trouxe em seu depoimento, a descrição de ações discriminatórias que ocorreram nas relações dentro da escola.

> Na alfabetização passei por situações difíceis, eu sempre fui muito calada, muito na minha, eu procurava fazer amizade com os colegas, mas nem sempre era possível, pois as crianças, principalmente os meninos começavam a me apelidar de neguinha, começavam a balançar a minha carteira só pra me irritar e ficava falando do meu cabelo, todo dia era uma piada diferente, eu não reagia e nem falava pra ninguém porque tinha receio da represaria, apesar de sermos quase a mesma idade, eles poderiam fazer algo mais alem das piadas (fala de aluna Z).

Neste caso, os conflitos eram mais fortes no período de alfabetização, no sistema educacional este período era anterior ao Ensino Fundamental, atualmente

ele corresponde ao primeiro ano. Nas relações entre brancos e negros ou brancos e mestiços acontecem diversos conflitos que acabam provocando reações que vai desde a mágoa e o choro até ações agressivas. Os conflitos podem ter vários significados, o racismo pode aparecer na concorrência, no medo, na não aceitação da capacidade do outro, no não reconhecimento do outro, na relação de poder etc. Onde se esconde o racismo no contexto escolar?

Como forma de superação a aluna Z relatou uma experiência vivenciada no contexto escolar em que sofreu situações de preconceito, mas que enfrentou a situação

> Passei por relações de conflitos com um colega que não ia muito com a minha cara, eu não sei por qual motivo. Neste ano, tive um problema com piolhos e tive que cortar meu cabelo bem baixo, no estilo militar e isso foi um motivo para este colega começar a me apelidar de um personagem de desenho. No começo não liguei muito porque ele apelidou com outros personagens outras meninas, que eram minhas amigas porque viviam brigando. Então juntou as três como se fossem os amigos do desenho, mas depois essa brincadeira ficou séria, até o ponto dele fazer piadas com o meu corte de cabelo e até achar e comentar com os colegas que eu parecia uma homossexual. Novamente não comentei com ninguém, mas desta vez fui falar com a pessoa e perguntar o porquê daquela brincadeira. Ele ficou sem resposta e acabou parando com as piadas (fala da aluna Z).

Todas as falas das alunas aqui apresentadas mostraram relações conflituosas dentro do ambiente escolar, seja no Ensino Fundamental, ou Médio mesmo que as mesmas destaquem que tiveram boa aceitação no ambiente escolar. Será que esses conflitos foram demonstrações de que o racismo está incutido nas ideias e materializado nas ações discriminatórias dos sujeitos? Nesta abordagem Cavalleiro (2001, p.146) mostra que “o tratamento irônico em relação à criança negra representa um dado a ser considerado, pois todo comentário realizado no espaço escolar [...] poderá ser por essas, absorvido e entendido como um comportamento que pode ser reproduzido”.

Assim, uma ironia, brincadeira, gesto pode atingir a autoestima da criança e marcá-la por toda sua trajetória de vida, isto tanto em relação ao agressor, como ao agredido. Mas igualmente as táticas usadas para enfrentamento das atitudes discriminatórias dentro do ambiente escolar pode ajudar na superação do sofrimento que tais situações geraram.

Embora sofressem ações discriminatórias as alunas mostram que superaram por meio de diversas táticas que utilizaram para a sua autodefesa. Neste caso, as táticas são consideradas por Oliveira (2008) meio em que o sujeito procura burlar

uma determinada situação promovida pelo dominador, que no relato, eram os colegas de sala que a provocava através de ações discriminatórias, fazendo ironias com as características físicas da aluna. Dependendo da personalidade do sujeito essas táticas podem corresponder às atitudes de enfretamento, ou a ação do silencio, em que se espera que as ações sejam diluídas com o tempo, ao ponto de ser deixadas de lado.

- **Experiências no ambiente acadêmico**

Sobre a experiência acadêmica, se percebeu relatos de situações vivenciadas nos cotidianos do Curso, na qual se observou como a questão afrobrasileira é percebida por professoras e alunas. De acordo com os relatos de Z, foram notórias situações vivenciadas nos espaços da academia, bem como experiências vividas na sala de aula.

A aluna relatou que

> Início do segundo semestre de 2010, tiveram professoras diferentes do semestre anterior e uma delas foi à de LIJE, a professora SN, que num determinado momento, encontrou com uma colega que lhe perguntou quem seria a professora de LIJE, respondeu que era a professora SN, uma mulher negra, forte. A aluna replicou a resposta dizendo que era para ter cuidado com o racismo. (Fala da aluna Z

Como já foi abordado anteriormente, o racismo baseia-se nas concepções de uma pretensa superioridade de certas raças humanas, em que seus aspectos culturais se tornam modelo para os demais grupos (FERREIRA, 2010). Porém, há muitas concepções confusas a este respeito, pois geralmente, classificam-se como racismo as ações agressivas que são provocadas contra o sujeito, sejam física ou verbalmente. Então, segundo esta ideia, chamar o negro/a de negro/a é motivo de reserva, pois dependendo da tonalidade da voz quando faz este tipo de tratamento estaria cometendo um ato de discriminação.

No contexto de sala de alua Z mostrou fato de chamou sua atenção. Segundo a aluna

> Na aula de CMEA com a professora R, surgiu uma situação interessante graças à imagem de um garoto negro que estava sendo apresentada por uma aluna, então uma das alunas fez um comentário dizendo que era bonito o negrinho. A professora ao ouvir isso respondeu ao comentário afirmando que ela não poderia dizer que aquele garoto era negro. A aluna falou que não tinha nada de mais já que ela também era negra. A professora, então explicou que a única pessoa que poderia afirmar a sua

> raça é ela mesma e até complementou dizendo que é uma pena que ela não possa dizer que ela é negra. (Fala da aluna Z)

Nesta cena, o que mais chamou atenção foi à visão que a professora tem a respeito da raça, pois essa não é uma questão de cor de pele, mas uma questão política.

Nos dois casos acorridos são perceptíveis as maneiras de como as pessoas enxergam a relação interpessoal, sejam elas brancas ou negras, em virtude das expressões que são utilizadas. A aluna teve receio em caracterizar a professora pelos seus traços físicos temendo um comportamento racista, desconhecendo deste modo, o sentido de racismo. E a professora que ressaltou a importância da não identificação da negritude, pois é preciso que a pessoa se autoafirme como tal, tendo ou não traços físicos negros, ela própria gostaria de fazê-lo, isto é, de se auto-afirmar negra.

Nesta visão as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2004, p. 15) vem reforçar a autoaceitação do ser negro afirmando que "[...] é importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita as características físicas. Trata-se também de uma escolha política. Por isso, o é quem se define". Isso mostra que não é necessário ter alguma característica física para ser considerada negra basta, reconhecer a contribuição da cultura africana, na construção da cultura brasileira e ser sensível a causa do povo negro.

Outra situação relatada por Z diz respeito à auto-afirmação da negritude que foi observada na aula de PP com a professora GR. Durante a aula a professora começou a falar do IBGE e com isso uma aluna veio perguntar como ela poderia se identificar, pois não sabia a sua cor. a aluna em questão explicou o motivo de sua dúvida, pois o pai dela é negro e a mãe dela é branca. Então, ela não conseguia se identificar.

O que chamou atenção nesta situação é o fato de se perceber certa dificuldade das pessoas em reconhecer a sua raça, claro que não se pode julgar, pois há vários motivos para que essa questão não seja bem esclarecida e com isso há sempre esses questionamentos. Neste caso, o conceito de negro/a é voltado para a cor da pele, já que por família interétnicas. Para o sujeito se auto-afirmar como negro/a não é necessário ter a pele escura, basta ser sensível as causas

etnicorraciais e reconhecer os valores histórico-culturais do/a negro/a na sociedade e assumir-se como tal.

Com isso nos questionamos o que significa Ser Negro/a, Ser Pardo/a no Brasil? O que é que determina essa classificação? Será que se as professoras formadoras se autodenominassem negras seria melhor no processo de formação das futuras professoras? Como essas questões poderiam ser mais bem trabalhadas em sala, de forma que ajudasse a turma a entender o porquê destas ambiguidades e como superá-las? Essas alunas serão professoras em breve e poderão enfrentar essa mesma situação em sala com crianças do Ensino Fundamental, como fazer para tratar essa temática de forma que ajude as crianças a se autoafirmarem positivamente como negras?

No que diz respeito do contato com o outro a aluna Z afirmou que não são visíveis situações discriminatórias, pois mantém com todas as pessoas uma relação harmoniosa, embora haja alguns momentos de desavenças, mas geralmente se dar bem com todos.

A mesma situação é percebida no depoimento de A, relatando que

> A minha relação com os colegas é ótima em todos os sentidos, claro que tem aqueles casos, que eu passo por dificuldades, por situações de estresse, só que não está relacionado à turma, essas situações são relações de conflitos comuns aos seres humanos, então acredito que não sofro nenhum tipo de preconceito dentro da minha sala e, se isso já aconteceu em algum momento e alguém percebeu, aos meus olhos passou despercebido porque não vejo preconceito dentro da minha sala de aula por partes da alunas nem das professoras, agora partindo da sala que estudo para outros espaços fora da universidade ai é quando eu percebo olhares tortos (fala da aluna A).

Compreende-se então, que a aluna não percebe dentro da instituição acadêmica, ações que possam ser consideradas como discriminação, pois segundo a sua percepção mantém uma boa relação com as colegas de sala, bem como, com alunas de outros cursos. Porém, fica um questionamento será que as alunas não percebem a presença do racismo, porque realmente não existe, ou porque ficaram naturalizados determinados comportamentos discriminatórios? Será que por não existir situações de conflitos, não há preconceito em relação às alunas, ou será que não se tem coragem de expor diante das alunas o racismo?

Silva (2001) ao abordar sobre o conceito racismo, discriminação, preconceito como se trabalham eles no meio social diz que

> Nos dias atuais o racismo tem se manifestado de maneira muito evidente, quando se tenta negar a humanidade das pessoas negras, comparando-as por meio de seus atributos físicos a coisas, doenças e animais. Essas comparações são naturalizadas na cultura brasileira, ou seja, de tanto inferiorizar as pessoas negras com apelidos, "piadinhas e gracejos, seguidos de "tapinhas" nas costas e comentários sobre os/as amigo/as negros/as que até freqüentam a casa de pessoas brancas, bem como as trabalhadoras domesticas negras, "tratadas como filhas", todo o mundo passa a achar isso engraçado, louvável e que se indigna é "neurótico/a". (A.. SILVA, 2001, p.66)

Esta citação pode explicar o porquê da alunas não perceberem o racismo nos seus cotidianos. As ações discriminatórias muitas vezes ocorrem em forma de brincadeiras sendo assim mascaradas, os/as negros/as ao passarem por essas situações não tem condições de reagir, pois sempre há o argumento de que as ocorrências não são racistas, de que o/a negro/a por não se valorizar tem a ideia de perseguição e com isso se perpetuam a discriminação neste contexto.

Retratando-se ainda do contexto acadêmico a aluna B afirmou que não teve problemas na sua entrada, sentindo-se muito bem acolhida por professores e funcionários da instituição. Embora que tivesse alguns conflitos dentro da sua turma. Segundo B, existem alguns problemas com colegas de sala de aula, que ela não sabe explicar a origem. Assim, parece que na universidade as relações entre B e algumas colegas são conflituosas, neste caso, o racismo não se apresenta de forma explícita, mas por meio de situações que acabam sendo naturalizadas. Uma questão que não quer calar: será que é racismo mesmo?

No depoimento de G é possível constatar que as relações vivenciadas pela aluna com os/as colegas do Ensino Médio eram difíceis, pois eram situações que causavam sofrimento. Na Universidade não foi muito diferente G falou que

> Na Universidade ocorreram fatos de discriminação, inclusive já expressaram na minha frente à discriminação, por não me aceitar, não sei se é porque eu sou de outra região, porque eu sou do sudeste, ou porque a minha cor favorece, influencia nisso. Eu acho que essa discriminação que eu passei aqui e continuo passando, de uma forma ou de outra, está implícito a relação com a cor (fala da aluna G).

Por que será que G sofre discriminação na universidade? Em que essa situação de G se aproxima de B?

Neste contexto Munanga (2005) ao fazer uma abordagem sobre os instrumentos didáticos que trazem muitas vezes ideias preconceituosas em relação às outras culturas, mostra que “os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com os professores no espaço escolar” (MUNANGA, 2005, p.15). Embora seja constatado que as alunas supracitadas têm uma relação de cordialidade com os/as professores/as, mostram que no convívio com as algumas colegas, as situações são bastante conturbadas que provocam sofrimento.

No decorrer das análises se percebeu que nos aspectos aqui discutidos as quatro alunas pesquisadas vivenciaram situações parecidas, embora que estejam em contexto diferentes. Na relação familiar as quatro alunas relataram situações discriminatórias, em que o contato com as avós, a observação da relação entre os avos e os pais e ainda a relação entre os pais, se viram presentes nas falas das alunas.

Cada aluna trouxe em seu depoimento relatos de como ocorreram os conflitos dentro deste ambiente, em que os aspectos físicos se destacaram nas suas abordagens. Com essas situações se percebe um elemento em comum, todas as alunas apesar de relatarem os conflitos mostram que mesmo vivenciando tais momentos não sofreram influencias negativa na tessitura de suas identidades.

No que diz respeito ao ambiente escolar as alunas falaram sobre os momentos conflituosos que sofreram durante a sua estada na escola e na Universidade. Em seus relatos as alunas mostraram que na escola as brincadeiras eram baseadas nos aspectos físicos que causavam constrangimento e aborrecimento as alunas.

É importante ressaltar que das quatro alunas, três delas (A, G e Z) relataram os conflitos vivenciados na escola, enquanto a outra (B) mostrou ter uma boa relação com as crianças, não detectando o racismo neste ambiente. No contexto acadêmico as relações conflituosas forma percebidas pelas alunas (B e G), enquanto as outras alegaram no seu depoimento não perceber situações discriminatórias neste espaço.

As alunas pesquisadas demonstraram que a partir de suas experiências tecem uma rede de relações que favorecem a tessitura de suas identidades. As vivencias aqui apresentadas por elas são singulares, mas que denotam os mesmos conflitos entre as pessoas que rejeitam aspectos que caracterizam a identidade

negra. Apesar das angustias sofridas, as alunas se mostraram com uma auto-estima elevada, revelando que superaram as situações e que hoje tem orgulho de reconhecerem-se negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade é composta pela diversidade em que pessoas com os mais variados pensamentos e culturas convivem num mesmo ambiente e, de acordo com as divisões sociais vivenciam situações diferentes. Além dos aspectos culturais, a diversidade é perceptível nas características do sujeito, cada um apresenta uma personalidade diferente, que ao se relacionar permite a troca de experiências.

Dentre a diversidade encontramos a diferença, um elemento que caracteriza o sujeito como ser único, pois num mesmo ambiente, há pessoas diferentes e isso permite que se compreenda a identidade de cada sujeito. Neste contexto de identidade percebemos que a identidade negra brasileira, traz elementos culturais herdados pela matriz africana, que muitas vezes se encontra presa aos estereótipos advindos das concepções européias e trazem uma ideia de inferioridade, provocando conflitos pela não-aceitação de aspectos que se diferenciam entre si.

A partir de nossas análises foi possível perceber que estes aspectos marcaram a vida das participantes da pesquisa em relação à sua identidade, iniciado pelas relações familiares. Sabemos que a família é o primeiro aporte que favorece a formação identitária, pois a partir dos valores e princípios que são ensinados auxiliam no desenvolvimento do sujeito. Porém percebem-se conflitos em que famílias reagem de forma negativa em relação à estética da pessoa.

Essas situações nos fez compreender que visão de beleza ainda está muito voltada às características das pessoas brancas, em que a pele clara e o cabelo liso são valorizados. Com isso há uma exigência das pessoas negras alisarem o cabelo para se igualarem a tais características. Com relação à cor da pele se percebe uma visão de que a pessoa, por ter a pele branca, se sente superior a pessoa que tem a pele escura e por causa desta ideia é notória as situações em que a discriminação é presente.

Neste contexto familiar são notórias as relações interétnicas, que muitas vezes se tornam relações conflituosas pela não aceitação do contato entre negro e branco, fruto de ideias racistas, provocando assim, situações de discriminações num mesmo contexto social. Embora haja concepções que inferiorizam o ser negro, este estigma está sendo aos poucos quebrado, com lutas em prol da valorização da identidade negra. Muitas pessoas que sofreram ou sofrem ações discriminatórias,

usam táticas para superar as situações, podendo ser pelo silêncio como autodefesa ou denuncia, pois não estão mais aceitando serem discriminadas.

Todas essas discussões levam ao conceito de ser negro em que não é baseado na genealogia e sim nos aspectos físicos que caracterizam o sujeito. A concepção do ser negro é baseada naquilo que é visível, não levando em consideração as origens que formaram o núcleo familiar. As famílias, segundo os depoimentos das alunas não aceitavam a relação interétnicas por causa da estética, levando adiante a concepção se superioridade e inferioridades antes já defendidas, desvalorizando assim a identidade.

Apesar de tantos conflitos é notável uma resistência por parte dos pais das alunas, que mesmo sendo discriminados mostram aos seus filhos o valor de suas identidades, fazendo com que percebam através de seus exemplos que a pessoa negra não deve se negar e sim mostrar que é um sujeito social como qualquer outro e que deve ser respeitado como tal. Por meio destes ensinamentos é perceptível o orgulho das alunas em serem negras, as quais não se envergonharam de suas características. Mesmo sofrendo situações discriminatórias as alunas procuraram reagir de forma positiva.

Essa autoafirmação negra, formada por meio das orientações dos pais, auxilia a superação de situações discriminatórias ocorridas nos cotidianos da escola. O apoio familiar foi significativo para que as alunas pudessem superar os conflitos. Apesar das alunas passarem por momentos difíceis na escola encontraram na família o apoio necessário para seguir em frente. Por meio dessas ações é possível compreender que o trato da valorização do ser negro/a possibilitou essa auto-estima, fazendo com que as alunas conseguissem reagir às situações discriminatórias neste ambiente.

Deste modo, ver-se que a escola, por ser um espaço que abrange uma diversidade de alunos/as, é de fundamental importância que não seja conivente com as situações discriminatórias, procurando valorizar o diferente, por meio de estudos das características peculiares dos sujeitos que frequentam a escola a fim de estimular o respeito à diferença.

Todas as informações aqui apresentadas mostram que os conflitos que ocorrem nas relações são decorrentes de concepções estereotipadas acerca do ser negro e não negro que causam, muitas vezes, o racismo. Com isso, se percebe que a partir dos vários exemplos de resistência advindas dos pais, em especial, das

mães, provocaram reflexões que favoreceram uma mudança de postura, demonstrando um orgulho de ser negra, enfrentaram os pensamentos preconceituosos e as discriminações que apareceram no espaço em que estavam inseridas.

No espaço acadêmico não foi diferente as situações de conflitos foram abordadas por duas alunas que a partir de seus depoimentos, relataram ações consideradas discriminatórias que sofreram na sala de aula. Por outro lado, as outras duas alunas afirmaram que não perceberam o racismo neste ambiente, pois dizem ter um bom relacionamento.

Assim, percebemos que a forma como as pessoas agem podem ou não provocar situações conflituosas. Essas discussões nos levam a refletir se realmente existe racismo, será que o racismo está naturalizado ao ponto de não ser percebido como tal? Para que isso seja bem esclarecido é necessário que observemos os nossos cotidianos com mais atenção para entendermos essas situações e procurar meios de combatê-las.

Portanto, todo o trabalho desenvolvido foi bastante significativo, favorecendo a compreensão de que a tessitura da identidade é resultado de múltiplas relações e a partir das varias influências, o sujeito vai tecendo concepções que valorizam a sua formação, estas formam os “nós” que dão sustentação as ideias que ajudam a superar a visão estereotipada de inferioridade. Assim, a identidade negra é marcada por conflitos, mas que por meio de mudanças de postura estas situações são combatidas e muitas vezes superadas, através do reconhecimento do sujeito como um ser pertencente à sociedade.

Neste sentido, o Curso de formação docente pode contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre o povo negro, sua história e cultura, fortalecendo e ampliando a identidade de pessoas negras e não-negras.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Paula Cristina da Silva et al. **Rediscutindo Conceitos**. Disponível em: http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro4_EducacaoeRER-04.08.10.pdf. Acesso em: 30 out. 2011.

BOSI, E. **O Tempo Vivo Da Memória**: Ensaios De Psicologia. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria especial de Políticas de Promoção de Igualdade racial. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Ministério da Educação. 3. ed. Brasília: 2001.

BRITO Ângela Ernestina Cardoso de. **Entre negro e branco**: socialização de filhos mestiços por famílias interétnicas. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves da (et al). Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro. Ação Educativa, São Paulo: 2001

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

CARDOSO, Marilene da Silva. **Aspectos Históricos da Educação Especial**: Da Exclusão À Inclusão – Uma Longa Caminhada. In. STOBÄUS, Claus Dieter e org. *Educação Especial*: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo***:* racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

FERREIRA, Ricardo F. **Afrodescendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FERREIRA, Aurélio Duarte de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Étnicocultural. In. RAMOS, Marise Nogueira e coordenadores. **Diversidade na educação**: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de educação Média e Tecnológica. 2003a, p.67-76. Disponível em: www.cereja.org.br/arquivos_upload/diversidade_educação.pdf. Acesso em: 15 mai. 2011

_____. **Educação identidade negra e formação de professores**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa. São Paulo: v. 29, n. 1, p.167-182, jan/jun 2003

_____. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIMA, Maria Batista. Identidade étnico-racial no Brasil: Uma reflexão teórico-metodológica. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/DOSSIE_FORUM_Pg_33_46.pdf. Acesso em: 31 out. 2011.

MOREIRA, Herivelto & CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Algumas Considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil. In. RAMOS, Marise Nogueira e coordenadores. **Diversidade na educação**: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de educação Média e Tecnológica. 2003, p.35-50. Disponível em: www.cereja.org.br/arquivos upload/diversidade educação.pdf Acesso em: 15 mai. 2011

_____. **Superando o Racismo na escola**. 2 edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília: 2005 p. 15-20

_____. **Rediscutindo** a **Mestiçagem no Brasil**: Identidade Nacional Versus Identidade Negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Coleção Cultura Negra e Identidade.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Estudos contemporâneos de cultura**. In: _____; ASSIS, Cássia Lobão. Cultura: uma abordagem antropológica. Campina Grande-PB: UEPB/UFRN, 2008

NOGUEIRA, Juliana Keller et al. **Conceito de gênero, etnia e raça: reflexões sobre diversidade cultural na educação escolar.** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf. Acesso em: 23 out. 2011.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, táticas e trajetória na pesquisa em educação. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, N. (org.). **Pesquisa no/do/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: 2. ed DP&A, 2008, p. 49-64

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In. *Projeto história*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP: 1997, p. 13-49

SILVA, Maria Aparecida (Cidinha) da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-**

Racismo na Educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p. 65-82.

SILVA, Maria Palmira da. Identidade racial brasileira. In. SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da. (orgs). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial do século XXI. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. P. 37-44.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 73-101.

VALENTE, Ana Lucia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: 6 ed, moderna, 1987.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADA COM AS ALUNAS PESQUISADAS

QUESTIONAMENTOS A SEREM ABORDADOS NAS CONVERSAS DE HISTÓRIA DE VIDA.

1. Origem familiar e a questão do racismo;
2. Infância, adolescência e juventude e a vivência ou não de situações de racismo;
3. Constituição de sua identidade;
4. Ambiente escolar e acadêmico em relação à vivência e o trato com a nossa temática;
5. Relações afetivas e a influência da questão do ser negra;
6. Trajetória de formação docente;
7. Em outros ambientes (religioso, vizinhança, comunidade, lazer, trabalho etc.) sofreu alguma discriminação.

ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa "GERANDO EUS, TECENDO REDES E APERTANDO NÓS: DITOS E NÃO DITOS DAS PROFESSORAS E ALUNAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES".

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

- O trabalho "GERANDO EUS, TECENDO REDES E APERTANDO NÓS: DITOS E NÃO DITOS DAS PROFESSORAS E ALUNAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES" terá como objetivo geral Analisar e compreender como professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, professoras formadoras e alunas do Curso de Pedagogia da UEPB vivenciam nos cotidianos escolares a implementação da Lei 10.639/03, em Campina Grande.

- Ao voluntário só caberá a autorização para observação de suas aulas, responder questões de entrevistas, participar de conversas informais ou sobre história de vida e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em cará confidencial.

- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria

necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contactar a equipe científica no número (083) 3310-7018, 3337-4415 ou 9985-7925 com Margareth Maria de Melo pesquisadora responsável junto ao SISNEP.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Campina Grande, _____ de _____de _____.

_____
Margareth Maria de Melo

_____
Assinatura do Participante